

A Princesa e o Rei Vampiro

"O que acontece quando o rei dos vampiros
no Planeta Terra e a herdeira do trono
do planeta Kurr se apaixonam?"

EILEEN SHEEHAN

Exemplo de leitura

A Princesa e o Rei Vampiro

Por

Eileen Sheehan

©Direitos autorais 2024 Eileen Sheehan
Impresso nos Estados Unidos da América
Direitos Eletrônicos e Digitais em Todo o Mundo
Direitos de impressão em todo o mundo

Earth Wise Books
Edição Eletrônica

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, incluindo digital e eletrônica ou mecânica, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem o consentimento prévio por escrito da editora, exceto por breves trechos para uso em resenhas.

Este livro é uma obra de ficção. Personagens, nomes, lugares e incidentes ou são produto da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com quaisquer pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou locais é inteiramente coincidência.

Atenção** Partes desta história podem ser muito gráficas, sexualmente explícitas, verbalmente vulgares ou violentas para leitores sensíveis ou traumatizados. Aconselha-se a discrição do leitor.

Previamente distribuído:

Escrito por Eileen Sheehan

Copyright © 2018 Eileen Sheehan

Earth Wise Books

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

Traduzido por Flávia Daniela Muniz

SUMÁRIO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

SOBRE A AUTORA

AMOSTRA DE VIÚVA POR CORRESPONDÊNCIA

OUTROS LIVROS DE EILEEN SHEEHAN

CAPÍTULO UM

O desagradável e estridente silvo de um quarto de hora me trouxe de volta à realidade como uma bofetada em meu rosto. Eu ainda estava naquele lugar horrível, com aquelas criaturas horríveis, esperando um destino horrível demais para se imaginar.

Horrível ... foi o melhor que eu pude pensar? Aquele lugar era mais do que horrível. Era tão ruim que não havia como descrever o quão ruim era.

Minha mente estava confusa.

Eu precisava me concentrar.

Essas criaturas, o que eram elas? Elas eram além de horríveis de se olhar, horríveis de se estar por perto, horríveis de interagir. Meu cérebro não funcionava corretamente. Eu não poderia chegar a nenhuma palavra para igualar o que elas eram. Eu desisti. Horrível teria que bastar.

Eu sorri para mim mesma. O que importava a palavra que eu usasse para descrever o que estava acontecendo? Era realmente tão importante? Num futuro não muito distante eu me tornaria um nada, algo do passado. O que eu pensava e as palavras com as quais eu me expressava significariam menos do que elas já significavam.

_ Você sorri humana. Você sente prazer nisso? – disse uma voz profunda e ríspida.

Minha cabeça se elevou e olhei diretamente para os olhos amarelos e brilhantes do meu captor escamoso.

_ Isso importa? – eu o afrontei corajosamente.

_ Nem um pouco – a fera lagarto murmurou enquanto se afastava para inspecionar uma mulher à minha esquerda.

_ Imaginei que não –murmurei quando meu queixo baixou de volta ao meu peito.

_ Silêncio – uma voz masculina profunda vinda da parte de trás da sala rugiu. – Eu quero silêncio!

Eu poderia ter sido desafiadora e dito algo mais só para irritá-los. Afinal, eu seria uma mulher morta em breve. O que eles poderiam fazer comigo por quebrar seu precioso código de silêncio que eles não fariam de qualquer maneira? Mas eu não disse. Meu cérebro pensou, mas minha língua ficou imóvel. Além disso, algo no fundo do meu cérebro debilitado gritou para eu calar a boca e me comportar e eu poderia sair disso viva. Pode imaginar isso? Eu sabia que era um desejo de conto de fadas, mas obedeci ao comando e fiquei quieta mesmo assim. Talvez em algum lugar nos recessos da minha mente eu estivesse esperando por um milagre.

Meus braços longos e magros estavam amarrados sobre a minha cabeça por tanto tempo que eu mal podia senti-los. A dormência estava se alastrando pelas minhas costas e minhas pernas igualmente magras. Eu olhei em volta para meus colegas cativos. Eles faziam sentido. Cada um deles tinha carne suficiente em seus corpos para alimentar essas bestas lagartos muito bem. Se eles se alimentassem de sopa, talvez eu pudesse entender o motivo

de me incluírem na mistura, mas pelo que consegui decifrar, eles só comiam carne; e a comiam fresca e crua. Meu físico esquelético de um metro e sessenta de altura mal atingia a marca de quarenta e cinco quilos em uma balança.

Este não era o meu lugar.

Mas então, era o lugar de algum de nós?

Mais um silvo de um quarto de hora atravessou o ar. Senti a esteira rolante sacudir enquanto me movia lentamente para a esquerda em direção ao temido quarto. Quantos estavam à minha frente? O grande salão era longo e cheio de corpos. De onde todos eles vieram? Meus olhos estavam turvos do que quer que seja que eles injetaram no meu pescoço alguns silvos atrás. Era um agente calmante de algum tipo. Aparentemente, as bestas lagartos preferiam que a comida deles não revidasse. Estava funcionando. Calculei que, quando eu chegasse ao fim da linha, seria uma idiota babando sem me importar com nada. Faça comigo o que quiserem seus vermes! Eu não dou a mínima!

Mãos ásperas, escamosas e incrivelmente poderosas começaram a cutucar e apalpar meu corpo nu. Eu fiquei revoltada com o repugnante abuso, mas nem consegui me mexer. Sim, a injeção estava definitivamente funcionando.

_ O que isso está fazendo aqui? Isso é uma brincadeira? – o dono das mãos do abuso exigiu com desgosto. – Wumonan, eu fiz uma pergunta e espero uma resposta. Por que essa mulher magricela está aqui?

_ Eu... eu... Ela estava aqui quando eu cheguei para o serviço, chefe – respondeu um guarda muito preocupado, parecido com um lagarto, que eu presumi ser Wumonan.

_ Nunca lhe ocorreu questionar a presença dela? – rosnou aquele ao qual ele chamou de chefe.

_ Ah ... não chefe, eu não pensei... – Wumonan começou.

_ Isso mesmo, você não pensou! – interveio o chefe. – Se você tivesse usado esse seu minúsculo cérebro sem valor, teria percebido que essa fêmea é muito inferior para ser apresentada em nossa mesa. Na verdade, ela é um insulto até mesmo para a mesa do Dragos mais baixo.

Meu corpo balançou em resposta ao empurrão que ele deu de desgosto.

_ Tire ela daqui – ele ordenou.

_ Sim chefe – Wumonan respondeu com uma mistura de medo e respeito em sua voz.

Wumonan retirou meu corpo drogado do gancho que segurava a corda que amarrava meus pulsos e me jogou sobre seu largo ombro reptiliano como se eu não fosse nada além de um saco de farinha. Meus braços batiam contra as costas grossas e escamosas dele a cada passo que ele dava, mas ele parecia não notar. Eu lutei contra o vômito quando meu rosto bateu em sua abrasiva carne rígida. Não só a sensação era abominável, mas o fedor era sufocante. Eu tinha ouvido falar sobre os Dragos enquanto crescia, mas sempre em um conto de fadas. Lembrei que as histórias

afirmavam que eles não tinham um sistema excretor como os humanos. Eles eliminavam os resíduos através da pele. Eu agora sabia que isso é verdade. Meu transportador fedia da pior maneira. Ele fedia a sujeira, algo que lembrava urina, suor e sangue. Tendo sido criada perto de uma fazenda no estado de Nova Iorque, posso dizer que estive em chiqueiros que cheiravam melhor.

Ele me levou para o depósito de lixo do lado de fora do restaurante. Tenho certeza de que senti uma costela ou duas estalarem quando ele me largou sem cerimônia em uma pilha nojenta de descarte humano. Enquanto eu estava deitada entre os ossos desprovidos de carne, cheirando a sangue misturado com saliva de criaturas vulgares, meu corpo expurgava todo o conteúdo de meu estômago. Quando estava vazio, continuei a dar ânsia. Era como se meu interruptor de desligar estivesse quebrado.

No momento em que a agonia diminuiu, fiquei impressionada com a dor acentuada em minhas costelas. A poderosa contração do meu diafragma quando eu vomitei e vomitei e vomitei havia intensificar-do o dano por ter sido jogada na pilha de ossos. Eu não tinha dúvidas de que pelo menos uma costela estava quebrada, possivelmente duas.

Por mais que eu quisesse me livrar da pilha de restos humanos, a injeção me dominava com força total. Eu estava desorientada com praticamente nenhuma motivação para me mover. Eu podia sentir o vale das sombras à distância me chamando; esperando para me consumir. Era só uma

questão de tempo agora. Embora a substância que eles me injetaram não fosse letal, tive a sensação de que ficaria apagada tempo suficiente para ser enterrada viva quando a próxima carga de restos mortais fosse jogada em cima de mim. Com minha estrutura delicada, minha condição enfraquecida e uma caixa torácica quebrada, era uma aposta bem certa de que eu ficaria presa sob os destroços. Em vez de encontrar minha morte como alimento para os Dragos, eu iria encontrar minha morte com aqueles que haviam sido seus alimentos.

Que divertido.

Eu decidi que preferia não estar ciente da minha extinção. Fechei meus olhos e desejei que a escuridão me consumisse.

Estava quente; aconchegante, na verdade. Eu mantive meus olhos fechados enquanto testava meus membros. Estavam funcionando. Eu tateei minha caixa torácica. Estava enfaixada. Confusa, lentamente levantei minhas pálpebras para ver meus arredores. Eu me vi no que parecia ser uma caverna decorada com uma tapeçaria bastante luxuosa em tons de vermelho, verde e dourado, entrelaçados para criar o que parecia ser um brasão de armas. A pomba voando com um ramo de oliveira me levou a acreditar que o dono era de um clã amante da paz. O carpete grosso e

exuberante do oriente estava espalhado no chão de terra batida. Estrategicamente posicionado em cima dele, havia uma mesa ornamentada e duas cadeiras, uma confortável poltrona e a cama que eu ocupava.

Eu estava sonhando?

Eu tinha morrido?

Ouvi dizer que quando morre você escolhe a era e a época em que você gostaria de passar a eternidade. Pelo que eu podia ver, eu voltei no tempo, mas não tinha ideia de quão longe estava.

Eu inalei profundamente. O aroma rico de um ensopado chegou às minhas narinas e meu estômago reagiu com vingança. Eu havia expurgado seu conteúdo naquela pilha de restos humanos e ele exigia consolo. Até mesmo a lembrança visual daquele lugar horrível não o impediu de exigir o devido direito.

Olhei ao redor da sala. Eu estava sozinha? Os anjos viriam me servir?

Espíritos talvez? Eu ofeguei apreensiva. Eu estava no céu, não estava? Minha mente percorreu minhas ações antes da minha captura. Eu não conseguia pensar em nada que eu tivesse feito que justificasse minha ida para o inferno. Certamente isso era o paraíso. Tinha que ser.

O leve farfalhar do lado de fora da caverna chamou minha atenção. Como eu estava incerta sobre tudo no momento, decidi que era melhor fingir estar dormindo. Eu tive tempo apenas para fechar as pálpebras o suficiente para

parecer adormecida, deixando-as abertas apenas o suficiente para ver a atividade no local por debaixo de meus cílios anormalmente longos e grossos, antes que ele entrasse. Fiz tudo que podia para não suspirar de admiração. Estava resolvido! Eu estava no céu e algum tipo de deus acabara de entrar na caverna. Seu físico musculoso de um metro e oitenta de altura movia-se com o poder, a graça e o porte de alguém que possuía uma inegável abundância de autoconfiança. Seus pés praticamente deslizavam quando ele andava. Seus músculos magros e bem formados ondulavam com cada movimento enquanto ele alimentava com a madeira recém-cortada as brasas do que outrora havia sido um fogo crepitante. Espessos cabelos escuros emolduravam seus traços pálidos e aristocráticos enquanto ele abanava o fogo até que as chamas mais uma vez dançaram para sua satisfação. Sua boca perfeitamente formada me fez consciente dos meus próprios lábios finos e excessivamente largos. Apostaria que sua boca não consome seu rosto quando ele sorri como a minha. Seu único vestuário era uma calça de couro preto que o vestia como uma segunda pele. O resto dele, incluindo seus pés, estava nu. Eu poderia tê-lo admirado o dia todo. Nunca encontrei um homem tão perfeito.

Porém, ele não era um homem.

Ele era um deus e eu estava no céu.

Achei o céu muito diferente do que eu esperava que fosse. Não havia anjos tocando harpas e cantando enquanto

flutuavam nas nuvens. Eu lutei para lembrar os princípios da minha educação religiosa. Se a memória não me falhava, o céu consistia em vários níveis. Talvez eu tenha entrado em um que não tivesse anjos. Afinal, eles trabalhavam mais perto do Deus criador. Meus feitos podem não ter sido ruins o suficiente para me forçar a ir para o inferno, mas eles também não eram perfeitos o suficiente para me deixar sentada ao lado do criador de tudo. Era isso. Eu estava em um dos níveis mais baixos do céu. Fazia sentido. Não aprendi que nos reinos espirituais inferiores eles comiam, bebiam e se sentiam como humanos? Bem, se esse fosse o caso, estava perfeitamente bem para mim. Aquele guisado que meu lindo deus estava mexendo cheirava delicioso e minha boca estava salivando para provar.

_ Você está acordada – ele disse de costas para mim.

Eu pigarreei e sussurrei:

_ Sim.

_ Não se preocupe, seus sentidos estarão de volta logo – ele me assegurou quando se inclinou para encher uma tigela com a deliciosa comida cheirosa.

Seus olhos verdes esmeralda atingiram os meus e ele lançou o mais deslumbrante dos sorrisos em minha direção.

Eu provavelmente estava alucinando, mas teria jurado que seus dentes brilhavam como os dos atores em um comercial de chiclete que vi na televisão. Eu fechei meus olhos brevemente e avalei-lhe novamente. Não, eu não estava alucinando. Seus dentes fortes e bem definidos eram

de um branco brilhante e reluzente, a ponto de quase ferirem meus olhos. Se sua pele fosse mais escura, teria sido uma visão horrenda. Assim como era, sua pele pálida combinava de forma natural com seus dentes brilhantes, criando um efeito sedutor e quase irresistível.

_ Você é um deus? – Eu perguntei humildemente.

Sua risada ecoou pela caverna quando ele disse:

_ Longe disso. É uma ideia agradável, no entanto.

_ Eu estou no céu, certo? – insisti.

_ Céu? – ele disse com um olhar confuso – Você acredita que isso seja o paraíso?

Ele se levantou e levou a tão esperada tigela fumegante para mim. Estendi as duas mãos para recebê-la e quase a derrubei. Um pouco de caldo quente derramou em minha perna. Foi então que percebi que ainda estava nua.

Ele me observou com interesse enquanto eu lutava para manter o controle da preciosa tigela de ensopado, ao mesmo tempo em que ajustava uma colcha que mal cobria minha nudez o melhor que pude.

_ Já vi tudo o que você tem para oferecer. Não vejo razão para arriscar uma queimadura séria por uma modéstia não necessária. Por favor – ele gesticulou em direção ao ensopado – aproveite e relaxe. Se fizer você se sentir melhor, prometo que não vou olhar.

Com isso, ele saiu da caverna.

_ Você... você vai voltar? – Eu gritei para ele com uma voz arranhada que mal podia ser definida como audível.

Eu limpei minha garganta várias vezes na esperança de lubrificar minhas cordas vocais e dar-lhes condição de funcionarem.

_ É claro – veio sua fraca resposta à distância.

Eu notei o quão longe ele tinha chegado em um período muito curto de tempo. Ele havia se movido anormalmente rápido.

Com o ensopado demandando minha atenção, importei-me pouco com meu estranho salvador enquanto mergulhava na mais deliciosa refeição que eu conseguia me lembrar de ter comido. Meu estômago se revirava e doía enquanto eu o enchia, mas continuei. Quando a minha tigela estava vazia, olhei em volta para ter certeza de que estava sozinha antes de ir devagar até a panela fervente para enchê-la novamente. Eu provavelmente me arrependeria a longo prazo, mas não me importei. A comida estava deliciosa e eu não tinha ideia de quando comeria de novo. Era melhor encher meu estômago o máximo que pudesse e torcer para que eu conseguisse manter tudo lá.

Eu havia terminado minha segunda tigela quando ele voltou com um sorriso que me fez querer estapeá-lo e beijá-lo ao mesmo tempo. Seus olhos verdes esmeralda brilharam com o que eu tomei por divertimento quando olhou para a minha tigela vazia, mas ele não disse nada quando estendeu a mão para pegá-la de mim. Quando ele se moveu para colocar a tigela na mesa próxima, notei que ele carregava um

pequeno pacote embrulhado em pano. Ele voltou para o meu lado e entregou para mim.

Desatei as fitas lentamente enquanto imaginava o que ele poderia estar me dando. Era um pacote macio. Eu poderia ser tão ousada a ponto de esperar que fossem roupas? Tal pensamento aumentou minha velocidade de abrir o pacote. Um enorme sorriso consumiu meu rosto quando olhei para baixo – bem dobradas, uma sobre a outra – calça de couro preto, uma túnica de lã e um cinto de contas. Eu sorri em agradecimento e vesti a túnica sem hesitação. Ela chegou ao meio da minha coxa, o que me deu bastante modéstia para ficar de pé e vestir a calça. Tudo servia como se tivesse sido feito especialmente para mim.

_ Obrigada. – eu murmurei – Elas servem perfeitamente.

_ Espero que sim – ele disse, sem mais explicações.

_ Onde estou? – Perguntei, decidindo que não queria saber como ele conseguiu me apresentar uma calça de couro que me servia como se tivesse sido feita para mim.

_ Você está segura – ele murmurou quando começou a sair da caverna.

_ Segura... onde? –Insisti.

_ Aqui – ele disse por cima do ombro antes de desaparecer.

Eu esperei pelo que pareceram horas por seu retorno, mas em vão. Eu não tinha ideia de quem ele era, mas ele era meu único contato no momento e pelo que eu poderia dizer,

também era meu salvador. Eu não queria que ele me deixasse. Eu não queria ficar sozinha. Sentia-me cansada e abandonada. Eu ansiava por sair da caverna e procurar a civilização; nesse momento, me contentaria com qualquer um para me fazer companhia. Eu teria pelo menos explorado o lado de fora do meu santuário aconchegante, se tivesse confiado em minhas costelas para não deslocarem e perfurarem um pulmão.

Em algum momento, consegui relaxar o suficiente para cair no sono. O calor do fogo e uma barriga satisfeita promoveram um dos descansos mais profundos que eu tive em eras.

CAPÍTULO DOIS

Quando finalmente despertei o suficiente para me libertar do sono mais doce que me lembro de ter tido em meus vinte e quatro anos de vida, precisei de um pouco de esforço para lembrar onde estava. Sentei-me na cama e balancei os pés sobre a borda. Eles mal tocavam o chão. Eu não me lembrava de ser tão pequena nisso antes, mas eu estava muito confusa com as drogas e ferimentos.

Ferimentos.

Lembrei-me das minhas costelas e busquei pelo curativo sob minha túnica. Desaparecera. Levantei a túnica para inspecionar mais de perto. Examinando o interior da caverna com os olhos, fiquei desapontada por não encontrar nenhum espelho. Examinei-me o melhor que pude sem um. Não havia sinal de qualquer dano que eu pudesse ver, nem havia dor! Como eu consegui me curar tão rapidamente? Foi rápido, não foi? Eu não sabia, já que eu havia perdido toda a noção de tempo.

Percebi que meu resgate foi o segundo milagre que aconteceu desde que fui capturada por essas criaturas grotescas; o primeiro fora a minha rejeição na fila de comida. Fiz uma pequena oração silenciosa de agradecimento. Eu tinha certeza que já tinha feito isso, mas queria agradecer ao meu deus salvador novamente com uma mente clara. Eu senti a presença dele e que ele estivera indo e vindo, mas não vi sinais dele no momento.

Eu saí da cama com mais vitalidade do que havia sentido em muito tempo. *O que tinha naquele maravilhoso e delicioso ensopado?* Eu me perguntei enquanto caminhava até o fogo. Ainda estava forte, com sinais de ter sido avivado recentemente. Olhei em volta. Estava sozinha.

Sentindo-me energizada e curiosa, decidi enfrentar os limites externos da caverna. Eu precisava saber onde estava, para poder fazer planos para chegar em casa. Eu realmente esperava que essas bestas não me tivessem teletransportado para algum lugar obscuro, ou pior... planeta! Embora eu soubesse que isso poderia ser feito, eu não tinha experiência com teletransporte. Seria difícil para eu voltar sozinha. Meu altruísta estaria disposto a continuar sua assistência e me ajudar a voltar? Ele teria a habilidade?

O ar estava revigorante e frio contra a minha pele exposta enquanto eu saía para o luar. Calculei que fosse depois da meia-noite. Eu busquei sons de vida ao meu redor, mas tudo estava quieto. Parecia que o mundo inteiro estava dormindo. Todos, exceto eu, claro.

Eu notei a plenitude da lua brilhante. Isso significava que eu estive na caverna me recuperando e dormindo pesadamente por cerca de duas semanas. Eu realmente tinha para com meu benfeitor uma dívida de gratidão.

A caverna ficava na beira de uma floresta. Pinheiros altos misturavam-se com carvalhos retorcidos e bordos. Era uma floresta perfeitamente normal que não me dava a menor indicação de onde ou em que época eu estava. Uma coruja

guinchava sua presença me fazendo dar um gritinho de susto.

_ Cuidado. Nós não queremos denunciar o nosso esconderijo – disse uma voz rica e sensual através da noite.

Sobressaltei-me e olhei atrás de mim para encontrar meu belo salvador com uma carga de lenha equilibrada em seus braços como se não pesasse mais do que um saco de penas.

_ Onde estamos? – Eu perguntei.

_ Seguros por enquanto – ele respondeu quando se virou para entrar na caverna – a menos que você continue uivando.

_ Foi um gritinho – eu murmurei enquanto o seguia de volta para dentro da caverna.

_ Você nunca ouviu o ditado "a floresta tem olhos?" – Ele repreendeu.

_ É o mesmo que “a colina têm olhos?” – Eu disse sarcasticamente.

Eu estava me referindo ao filme, claro. Era uma maneira de testar as coisas. Se eu tivesse voltado no tempo, ele não teria a menor ideia do que eu estava falando.

_ Eu vi esse filme – disse ele enquanto deixava cair a madeira ao lado do fogo. – Eu não gostei muito.

Certo, então eu ainda estava na minha época. Isso era excelente, mas eu ainda tinha perguntas como o que era um Dragos? Lembrei-me daquela palavra do meu pesadelo como se tivesse sido gravada em meu cérebro.

_ Posso saber o seu nome? – Eu disse com mais autoconfiança do que realmente possuía. Eu senti que era melhor ser educada ao invés de romper em uma sucessão de perguntas sobre o meu paradeiro e as criaturas que me sequestraram e depois me deixaram para morrer.

_ Jack – ele disse com naturalidade.

_ Prazer em conhecê-lo, Jack – eu disse tão docemente quanto pude.

_ Será? – Ele riu com um tom que só poderia ser descrito como sarcástico e saiu da caverna.

Eu estava realmente ficando cansada do jeito que ele se levantava e saía quando tinha vontade.

_ Espere – eu ordenei com mais intensidade do que pretendia.

Isso me deixou um pouco abalada. Eu fiz o meu melhor para esconder isso dele.

Ele parou no meio do caminho, mas não se virou. Eu observei seus ombros tensionarem e então relaxarem novamente. Era como se ele estivesse debatendo sobre o que fazer enquanto permanecia de costas para mim.

_ Por favor, não vá ainda – eu disse em um tom mais gentil que eu só consegui depois de alguns profundos exercícios de respiração. – Eu... estou muito confusa e solitária e... bem, estou um pouco assustada. Eu fui capturada por...

_ Pelo Dragos – ele interveio. – Eu tirei você da pilha de lixo deles.

O tom de sua voz me deixou desconfortável. Eu o tinha irritado. Eu não tinha certeza do que deveria dizer. *"Desculpe por gritar com você e obrigado por tudo que você fez"* era o mais óbvio, mas não parecia apropriado para o clima, então eu disse:

_ Eu te devo minha vida – em vez disso.

_ Você acha isso? – Ele quase rosnou.

Embora eu tenha ficado surpresa com seu tom agressivo, recusei-me a ser dissuadida. Estava determinada a suavizar as coisas. Eu precisava mostrar a ele minha gratidão; por mim, se não fosse por ele. Não havia dúvida em minha mente que eu teria morrido se ele não tivesse me tirado daquela pilha abominável de restos humanos.

_ Sim – eu disse com firmeza.

_ Tenha cuidado... Talvez eu a tire – ele sussurrou antes de sair pela entrada.

De repente, minhas pernas se recusaram a me segurar. Eu desmoronei em uma pilha.

O tapete grosso agia como uma barreira entre mim e o chão de terra fria. Eu podia sentir o cheiro da terra em suas fibras, mas parecia relativamente nova e fresca. Eu teria pensado em quanto tempo a caverna servia como o santuário luxuoso de Jack se eu não tivesse ficado oprimida com seu comentário de despedida.

Eu o ouvi bem? Ele ameaçou tirar minha vida? Teria ele me salvado da morte certa nas mãos dos Dragos apenas para me matar? Se eu não tivesse ouvido suas palavras com

meus próprios ouvidos, nunca teria pensado nisso. Ele parecia um homem perfeitamente normal. É verdade que ele era um pouco taciturno, mas, considerando onde ele me encontrou, eu presumi que ele tinha tido seu próprio trauma. Talvez ele também tivesse escapado por pouco de virar comida para aqueles animais. Ou... o horror dos horrores... ele era um canibal e catava os restos dos ossos do lixo!

Eu balancei a cabeça. Agora eu estava sendo ridícula. Se ele fosse um canibal, certamente teria me comido ao longo das últimas semanas; não me alimentado. Eu me forcei a rir. Era incrível como a mente podia inventar coisas tão ridículas e fazê-las parecer reais num piscar de olhos.

Eu olhei com mais atenção o interior da caverna que era agora meu santuário. Era claramente a casa de alguém ou, no mínimo, lugar de refúgio. Se Jack não tivesse arrumado tudo, eu teria certeza que ele tinha usado esse lugar para ele mesmo. No entanto, ele mal passava por lá desde que eu havia chegado. Ele tinha outra moradia por perto? Isso não parecia lógico, mas nada do que aconteceu até agora parecia lógico. Dragos não eram reais. Eram criaturas de contos de fadas contados ao redor de fogueiras com o propósito de assustar seus colegas de acampamento. Desde quando criaturas de contos de fadas criam vida?

Vários dias se passaram sem palavras trocadas entre mim e Jack. Quando via ou o sentia chegando, fingia dormir para evitar falar com ele. Eu precisava de tempo para

processar o medo que seu comentário incutiu em mim. Boa parte de uma semana já havia passado quando comecei a ficar inquieta. Perdi completamente a noção do tempo. Eu não tinha ideia de há quanto tempo eu realmente estava naquela caverna. Quando cheguei? Estimei que estivesse lá por um total de três semanas, mas eu estava correta? Continuei entrando e saindo do sono; ficando acordada apenas o tempo suficiente para encher meu estômago com o sempre presente ensopado – do qual eu nunca me cansei e não me satisfazia o suficiente – e, em seguida, voltava à terra do sono.

_ Você está aqui há seis semanas, não três – disse uma voz feminina à distância.

Assustada, eu saltei e rapidamente olhei ao redor, mas não vi ninguém.

_ Aqui, querida – a voz arrulhou.

Eu não pude decidir se era um arrulho amigável ou não.

_ Você é bastante rude, não é? – Eu disse sem rodeios.

_ Você é uma especialista em grosseria? – A dona da voz perguntou, claramente irritada.

_ Não é preciso um especialista para reconhecer grosseria – respondi bravamente.

Não importava que este fosse meu primeiro e único visitante além de Jack. Entrar na caverna e permanecer nas sombras era rude e eu pretendia deixar isso claro.

_ Você é uma vadia ingrata, não é? – Disse a voz.

_ Para com quem estou sendo ingrata e por quê? Eu agradei ao meu salvador. Não vejo necessidade de ser educada com alguém que entra aqui, lê minha mente e depois fala dos recessos escuros da caverna em vez de mostrar a si mesmo – desapareci.

_ Si mesma, sua tonta – a voz rebateu.

_ Você soa como um homem – eu menti.

Eu realmente quis dizer "mesma", mas, com meu nervosismo, fiquei confusa.

_ Parece que você acabou de escapar de Auschwitz! – A voz deixou escapar.

Eu não tinha resposta para isso porque tinha certeza de que era verdade. Fiquei em silêncio, atordoada por um tempo e depois caí na gargalhada. Quero dizer, é sério... Eu estava discutindo com uma voz sem corpo.

_ Touché – eu respirei entre gargalhadas – Você me pegou.

Diante de meus olhos assustados, uma bola translúcida brilhante emergiu das sombras e cresceu lentamente até um tamanho enorme. Quanto maior ficava, mais opaca tornava-se. Quando atingiu um tamanho grande o suficiente para acomodar um corpo, uma morena alta, magra, mas bem torneada saiu e ficou a menos de um metro e meio de mim.

Fiquei hipnotizada pelos enormes olhos amendoados perfeitamente posicionados em seu pequeno rosto bronzeado e aveludado, em formato oval. Seu nariz tipo fada parecia em

casa entre suas sobranceiras lisas e arqueadas e rubros lábios carnudos. Se não fosse pelas orelhas pontudas nos lados da cabeça, eu a rotularia como perfeita.

_ Eu também não sou perfeita – ela riu bem-humorada enquanto tocava em suas orelhas e levantava o vestido de chiffon para mostrar pés grotescos e peludos.

_ É uma combinação estranha – eu murmurei enquanto lentamente admirava suas curvas esbeltas e sua pele perfeita.

_ Não de onde eu venho – ela sorriu, aparentemente indiferente ao meu comentário que a maioria consideraria grosseiro.

_ Eu sou de Nova Iorque. O estado, não a cidade. É na Terra – respondi sem pensar.

Entre as bestas lagarto e essa estranha pessoa, cheguei à conclusão de que tinha deixado a Terra e ido para algum outro planeta, mas fiquei surpresa ao ouvir-me dizer isso em voz alta.

_ Eu também – ela concordou – Terra, isso aí.

_ Como pode ser isso? – Eu perguntei com surpresa genuína.

_ Bem, isso é típico – ela bufou enquanto caminhava para a cadeira grande e confortável perto do fogo. – Vocês humanos são todos iguais.

_ Desculpe – eu disse e depois me repreendi silenciosamente. Pelo que eu estava pedindo desculpas? – É que nunca vi ninguém da Terra que se parecesse com você,

então não entendo como você pode reivindicar sua aparência não ser uma combinação estranha.

_ Você não pode evitar, suponho – ela suspirou. – É que eu tinha esperanças de que você fosse diferente. Quero dizer, não é do feitio de Jack acolher qualquer humano perdido. – Um brilho de diversão matizou seus grandes olhos quando ela continuou – Especialmente, não é do feitio dele deixá-los viver. Você deve ser muito magra para ele também.

_ Ele come pessoas? – Eu engasguei quando minha mão voou para a minha garganta.

Meus medos estavam sendo confirmados.

_ Ha, ha, ha, você é tão engraçada – ela riu, mas não disse mais nada.

Minha visitante parecia conhecer muito bem a caverna. Ela retirou um pouco de chá de ervas e duas xícaras de um armário que eu nem pensara em examinar. Passamos as próximas horas tomando chá e nos conhecendo. Ela me disse que seu nome era L'ohana, um nome bastante comum para sua espécie. Igualava-se a Joan ou Ann na minha língua. Quando eu perguntei a ela qual era a sua espécie, ela disse: "Terráquea" como se eu a tivesse insultado. Deixei o assunto de lado por um tempo e apenas desfrutei de sua conversa animada. Parecia que tinha passado uma eternidade desde que eu tive o luxo de desfrutar de uma conversa leve regada a uma xícara de chá de ervas. Eu não estava com pressa de abrir mão disso.

Em algum momento ao longo de nossa conversa, L'oana ficou mais confortável comigo. Descobri que minha nova amiga tinha mais de um século de idade. Ela se esforçou muito para me explicar que pertencia a uma raça chamada Squachula. Embora vivessem no planeta Terra, eles viviam em uma dimensão alternativa à dos seres humanos.

Eu aprendi que, como os Dragos, os Squachula tinham uma expectativa de vida de aproximadamente duzentos anos. Isso significava que ela era o que nós consideramos de meia-idade. Eu comparei suas ações joviais e leves, e aparência ao de um humano de meia-idade e sorri. Não é a toa que somos considerados uma espécie inferior.

L'oana me esclareceu sobre as variações de Squachula ao redor do planeta. Aparentemente eles diferiam em raça assim como os humanos. Alguns eram de inteligência e habilidades altamente superiores, enquanto outros eram quase primitivos. Ela confidenciou que, ao longo dos séculos, houve momentos em que eles cruzaram com outras espécies, incluindo os humanos, o que aumentou a variedade de raça. Sua raça era um produto desse cruzamento.

L'oana não era apenas alegre, inteligente e bonita. Ela também era altamente qualificada na arte de se teletransportar de uma dimensão para outra. Ela frequentemente fazia viagens da Terra interior para a Terra exterior; foi assim que ela conheceu Jack.

Eu aprendi que ela era um tipo de missionária. Como os humanos, os Squachula eram uma presa para os Dragos e, portanto, como os humanos, queriam que eles fossem eliminados de seu planeta. L'oana viajou entre planetas, por meio de teletransporte, para auxiliar na tarefa de enfraquecer os Dragos até que chegasse a hora de serem totalmente expulsos. Esta era uma missão perigosa que apenas alguns eram autorizados a participar. Embora ela fizesse pouco disso, eu sabia que ela era mais do que estava deixando transparecer.

Eu mencionei a L'oana o fato de que, durante séculos, houve aparições de uma grande fera meio homem meio macaco, em vários locais da Terra. Alguns chamavam a fera de Pé Grande, outros de o Abominável Homem das Neves, e outros ainda o chamavam de Sasquatch. Todos eram basicamente nomes para o mesmo tipo de ser. Ela assentiu com a cabeça, sorriu e começou a me dizer que eles eram da raça Squachula, mas bastante afastados do clã dela. Ela comparou aos chineses da raça humana e os humanos do continente africano. Eles eram humanos, mas significativamente diferentes em tamanho, forma, coloração e características. Uma coisa que era semelhante era a capacidade deles de se mover de uma dimensão da camada etérea da Terra para a outra.

Eu aprendi que a Terra era composta de quatro dimensões vibracionais que abrigavam os habitantes físicos. Na maior parte do tempo, o planeta parecia e se comportava

da mesma maneira em cada um. Eles até abrigavam plantas e animais similares, se não idênticos. A diferença mais verdadeira era a variação de espécies de seres inteligentes em cada nível.

As dimensões finalmente se fundiam em uma dentro do núcleo do planeta onde as vibrações eram mais densas. Era nessa área que os Dragos, que se teletransportaram para a Terra de outros planetas, residiam. Sua localização permitia que eles viajassem para qualquer nível externo com facilidade para capturar e acumular a vida de que dependiam para se sustentar. Eles eram um tipo maligno de lagarto humanoide que migrou de outra parte da galáxia, alguns milênios antes, quando seu próprio planeta ficou tão superpovoado que a comida se tornou escassa. Terra e Kurr não foram os únicos planetas para os quais eles dispersaram seus pioneiros, mas provaram serem os mais desejáveis para os Dragos habitarem.

Eu tive a infelicidade de ser sequestrada enquanto caminhava por uma parte afastada de uma estrada nas primeiras horas da manhã. Acontece que a estrada era um dos locais favoritos deles para a obtenção de alimentos, já que era bastante isolada e fácil de permanecer indetectável. Eu ouvi conversas durante as primeiras horas da minha captura dizendo que as montanhas do Arizona e as fontes termais do Arkansas eram outros locais privilegiados. L'oana me deu uma lista detalhada dos pontos quentes da Terra

para o sequestro. Eu a gravei no meu banco de memória e prometi prestar atenção quando e se eu voltasse para casa.

Eu perguntei sobre seu método de lidar com os Dragos. Ela lutava contra eles ou era um ataque furtivo? Para minha decepção, ela se recusou a discutir o assunto. Eu tinha conseguido tudo o que eu iria obter sobre os Dragos dela por enquanto.

Percebi que o nível de energia dela estava diminuindo. Ela não era mais tão alegre e vivaz ao falar. Estava claro que ela precisava descansar. Como eu também estava me sentindo um pouco cansada, sugeri que descansássemos um pouco. Quando ela se sentiu ofendida com a ideia de que eu a achava fraca, enfatizei que eu ainda estava em fase de recuperação e apreciaria um pouco de descanso. Isso apaziguou seu orgulho ferido e ela prontamente deixou a caverna, afirmando que voltaria em poucas horas para continuar nossa conversa.

Espreguiçando-me no colchão, que assumi que Jack abandonara para me acomodar, pensei em minha amizade recém-descoberta. Eu nunca conheci alguém que não fosse humano antes. Era uma experiência estranha, mas agradável. Senti que ela não tinha sido completamente honesta comigo. Eu não acreditava que ela fosse da terra e era provavelmente uma nativa do planeta que ela disse que eu estava no momento; Kurr. Mesmo assim, gostei de L'oana. Eu tinha muito poucas amigas em minha terra; principalmente porque vivíamos em uma área muito remota

e as pessoas não eram abundantes. Eu estava ansiosa para que L'oana e eu nos tornássemos boas amigas.

Quando me deitei de costas, com o braço pousado sobre os olhos, minha mente vagou por pensamentos de Jack. Eu vi muito pouco dele desde que ele me trouxe para cá. Ele havia entrado algumas vezes para depositar lenha, atiçar o fogo e mexer ou renovar meu sempre presente ensopado com ervas frescas ou carne. Ele me dirigiu o mínimo de palavras. Na verdade, não me lembro dele dizendo muita coisa para mim desde que ele me amedrontou em pensar nele como um canibal.

Claro, ainda era questionável o que ele era. Afinal de contas, L'oana não fez aquele comentário estranho sobre ele me deixar viva? Eu teria sobrevivido às garras dos Dragos só para morrer nas mãos de Jack? Se fosse esse o caso, se ele realmente planejava me matar, o que estava esperando? Essa demora dele era uma forma de tortura doentia? L'oana disse que eu estava na caverna há seis semanas ou mais. Por que ele iria abdicar de sua casa, monitorar o fogo e manter minha comida bem abastecida se ele planejasse me matar?

Eu deslizei minhas mãos por meu estômago e quadris. Será que ganhei um pouco de peso? A túnica e a calça que ele me apresentara quando cheguei davam espaço para isso. Com certeza parecia que eu tinha. Apalpei meus seios minúsculos. Eles pareciam que também tinham aumentado de tamanho, mesmo que apenas um pouco. Era isso? Ele

estava me engordando para me matar? Meu coração reagiu ao pensamento com tanta força que achei que ia escapar do meu peito por conta própria e fugir. A dor na minha caixa torácica era excruciante. Eu estava tendo um ataque cardíaco! Eu não precisava me preocupar em ser morta e comida por ninguém. Estaria morta em questão de minutos de um coração parado.

O som áspero da minha respiração ofegante que ecoou na pedra coberta de tapeçaria me atingiu como um martelo contra um prego enferrujado e sem ponta. Trouxe de volta lembranças do sítio da minha tia e suas tentativas incessantes de reciclar a velha madeira do celeiro; puxando e retirando pregos centenários enquanto fazia o que podia para evitar que a madeira se partisse sob a forte resistência do prego.

_ O que há de errado? – Disse um profundo sussurro masculino v aparentemente lugar nenhum.

A voz soou mais em minha cabeça do que em meu ouvido. Era familiar, mas não consegui identificar.

Sentei-me em pânico e procurei a fonte da voz, mas não vi ninguém.

_ Apareça! – Eu exigi.

_ Estou bem aqui – disse Jack calmamente da entrada da caverna. – O que há de errado?

_ Como você soube? – Eu sussurrei.

A capacidade dele de ir e vir de forma tão rápida e silenciosa era inquietante.

_ O que há de errado? – Ele insistiu.

Eu recuei o máximo que pude no colchão estreito enquanto procurava por uma rota de fuga. Não havia nenhuma. A única saída era a entrada e Jack a bloqueava.

_ Eu não gosto de ficar me repetindo – ele rosnou. – Eu fiz uma pergunta e espero uma resposta.

_ Nada! – Eu explodi – Estou bem.

_ Seu coração está pronto para explodir. O que assustou você? – Ele persistiu.

Eu sustentei o olhar por alguns segundos que pareceram uma eternidade, enquanto debatia o que fazer. Lutei contra o desejo de cair em seus profundos olhos esmeralda. Havia algo neles que me puxava para dentro, me abraçava e depois questionava se me soltaria. Ou pelo menos era assim que parecia.

Eu balancei a cabeça e decidi dizer a verdade.

_ Você me assusta – eu disse em uma voz que estava pouco acima de um sussurro.

_ Eu não entendo. Não fui bom para você? Por que eu te assustaria? – Ele perguntou parecendo genuinamente intrigado.

_ Você fez um comentário sobre tirar minha vida um tempo atrás e então L'oana disse... – comecei.

_ L'oana! – Ele berrou. – Quando foi que essa loba esteve aqui?

_ Não muito tempo atrás – eu estremeci.

_ Eu deveria ter imaginado – ele sussurrou quando pisou de volta para fora da caverna.

Eu não tinha certeza se ainda deveria estar com medo por mim mesma ou talvez transferir essa preocupação para minha nova amiga. Ela parecia tão divertida e agradável. Eu não podia imaginar por que Jack ficaria tão infeliz ao descobrir que ela me fez uma visita.

Ele a chamou de loba. Achei estranho, mas não demorou muito para ficar claro.

L'oana passou correndo por mim com a velocidade da luz; seguida por Jack, que estava viajando igualmente rápido. Eu tive que esfregar meus olhos para ter certeza de que tinha enxergado bem. Quando foquei novamente, ofeguei horrorizada com a visão de L'oana presa na parede grossa de tapeçaria. Ela estava lutando pela vida com a mão de Jack presa em torno de sua garganta. A cabeça dela estava inclinada para o lado e ele tinha os dentes alongados, prontos para afundar em sua carne macia.

Ele era um vampiro! Isso não poderia ser, poderia? Eu pensei que os vampiros eram produtos de folclore. Claro, eu não acreditava na vida em outros planetas e pessoas lagartos também, até que fui sequestrada por eles e levada para um planeta chamado Kurr. Eu me perguntei o que mais nos contos de fadas não era realmente um conto, mas fato.

Eu gritei para Jack parar com todo o ar que meus pulmões continham, enchi-os novamente, e fiz isso de novo. Por fim, e felizmente antes de ele afundar seus dentes na

linda e perfeita carne dela, meus gritos penetraram sua cabeça dura e ele olhou para mim. Vendo minha expressão aterrorizada deve tê-lo trazido de volta aos seus sentidos porque ele retraiu as presas com velocidade surpreendente e libertou sua cativa.

Ela correu para o meu lado e se encolheu atrás de mim o melhor que pôde respirando pesadamente. Eu dei um tapinha tranquilizador no braço dela enquanto olhava para ele em desafio. Ficou claro para mim que ele não era humano. Real ou não, pelo que pude ver ele era um vampiro. Surpreendentemente, eu não estava com medo. Na verdade, fiquei aliviada. Pelo menos ele não estava me engordando para comer minha carne.

_ Qual é o seu problema? – Disse L'oana detrás de mim.

_ Você fique longe dela! – Jack gritou.

_ Por que ela é tão especial? Por que você não a matou? – Sussurrou L'oana.

Eu não gostei do tom que L'oana estava usando. Parecia muito hostil quando se referia a mim e minha possível morte. Na verdade, soava como se ela se ressentisse do fato de Jack ter cuidado da minha recuperação, em vez de drenar meu sangue. Essa era uma reviravolta em sua personalidade que eu não gostei.

_ Eu avisei – Jack sibilou.

_ Eu não entendo – interrompi.

Fiquei chocada quando olhei para L'oana e vi o vermelho ardente que brilhava em seus olhos. Seu lindo rosto estava distorcido ao ponto de ficar irreconhecível. O animal nela estava se revelando claramente.

_ O que você é? – Eu ofeguei.

_ Ela é encrenca – disse Jack.

Ele pegou meu braço e me puxou para fora da cama com tanta força que eu fui impulsionada contra seu peito. Meus músculos ficaram tensos com o temor de ser segurada tão próxima por uma criatura sugadora de sangue. Quando por fim pude superar meu medo, notei que ele era surpreendentemente quente e macio. Sempre que eu lia ou assistia a shows sobre vampiros, ou ouvia histórias sobre eles dos contadores de histórias do bairro, eles sempre eram descritos como sendo frios, duros e semelhantes a cadáveres. Se eu não tivesse testemunhado suas presas com meus próprios olhos, eu nunca teria acreditado que Jack fosse qualquer coisa além de um humano.

_ Você é quente – pensei em voz alta.

Ele riu e passou os braços ao redor de mim de forma protetora enquanto dizia:

_ Você andou ouvindo os contadores de histórias.

_ Eles disseram a você que ele foi expulso pelo diabo? – Gritou L'oana. – Ele é malvado. Não se deixe enganar pelo calor dele. É o fogo do inferno que queima em seu corpo. É isso que você está sentindo!

O corpo de Jack ficou rígido.

_ Como você nos encontrou? – Ele exigiu.

_ Ha! Você realmente acha que pode se esconder de mim? Você acha mesmo que pode se esconder deles? Você é uma idiota! – Ela disse em um tom que soou quase animal.

_ O que você é? – Eu perguntei novamente.

_ Você está olhando para o rosto da mulher do demônio – explicou Jack. – Ela negligenciou camuflar sua aparência grotesca. Geralmente ela aparece em forma humana para os humanos. – Ele projetou o queixo em na direção dela – Você me surpreende, L'oana. Pode ser que você esteja falhando?

_ Mulher do demônio? – Eu ofeguei.

Minha confusão era claramente aparente.

_ A rainha dele, se me permite – ela sibilou. – E ele não é mais demônio do que você, Jack. Você está com inveja porque você e eu não demos certo.

_ Olha o que você diz, L'oana – disse ele.

Eu observei L'oana enrolar seu corpo como uma serpente quando ela se transformou da mulher bonita com orelhas e pés estranhos para uma criatura andrógina reptiliana com uma língua bifurcada incrivelmente longa que entrava e saía de sua boca com a velocidade da luz. Joguei minhas mãos sobre a minha boca para abafar o grito que eu não pude deixar de emitir e enterrei meu rosto o melhor que pude no peito de Jack. Eu passei horas conversando com essa criatura e realmente a considerei uma amiga recém-descoberta e aliada.

_ Parta imediatamente ou sinta minha ira! – Jack disse entre os dentes cerrados.

_ Quem é ela para você? – Sibilou L'oana. – Ela é uma magricela e um fracasso para uma mulher em qualquer espécie. Por que você a protege assim?

Espreitando por entre meus dedos, fiquei hipnotizada ao ver aquela criatura parecida com uma cobra movendo a boca e a língua de uma maneira que formava palavras claras e compreensíveis – e não palavras presas. Na verdade, eu estava tão absorta na cena diante de mim que quase perdi a resposta dele.

_ Ela não é da sua conta – ele berrou com um tom autoritário.

_ Mas, é da sua? – Sibilou L'oana.

_ Ela é minha pupila – disse ele desafiadoramente.

_ Sua o quê? – Eu protestei levando minha cabeça para trás para olhar para ele. Quão absurdo era essa afirmação? Eu nunca tinha posto os olhos nele antes na minha vida. Como ele poderia afirmar que eu era sua pupila?

Minha mãe e meu pai foram mortos em um acidente de carro quando eu ainda usava fralda. Eu fui criada pela irmã da minha mãe, Jenny. Três anos mais velho que eu, o filho dela, James, atuou como meu protetor ao longo dos anos. Como ele poderia me reivindicar como sua pupila? Simplesmente não fazia sentido.

Jack apoiou o queixo no topo da minha cabeça enquanto me abraçava forte. Mesmo em minha angústia, não

pude deixar de notar como era natural. Eu me vi respirando em uníssono com o ritmo do coração dele. Foi uma percepção estranha. Era como se fôssemos uma extensão um do outro. Como poderia ser? Eu mal o conhecia, mas senti como se o conhecesse desde sempre. Era inquietante.

Eu me afastei dele com uma força que eu não sabia que possuía.

_ Me solte – eu disse com surpreendente bravura.

Dei uma rápida olhada em L'oana, que havia retornado à forma humana e agora estava rindo histericamente da situação, antes que meu foco voltasse para Jack. Ele parecia intocado pela minha recusa em ser abraçada. Ao contrário, ele também parecia estar se divertindo. Eu teria ficado aborrecida com o sorriso em sua linda boca, se não tivesse sido cativada por seus olhos profundos e sedutores.

Depois do que pareceu uma eternidade, consegui recuperar o controle e me empertiguei ao máximo antes de dizer com a maior firmeza que pude:

_ Você tem algumas explicações a dar.

CAPÍTULO TRÊS

_ Você vai ouvir as exigências que ela faz? Ela sabe quem você é e simplesmente não se importa? – Disse L’oana.

A gargalhada dela encheu a caverna.

_ Quieta! – Jack vociferou.

Eu me volvei para L’oana.

_ Eu sei que ele é um vampiro – eu disse. – Eu vi com meus próprios olhos.

_ E isso não assusta você? – Ela perguntou.

_ Claro que isso me assusta – respondi – eu não tenho estado nada mais do que assustada por uma coisa ou outra desde que essas malvadas criaturas escamosas me abduziram, mas eu ainda preciso... não... eu mereço saber o que está acontecendo.

_ Ela tem coragem, Jack, tenho que reconhecer. Quem é ela? – L’oana ronronou.

_ Eu já disse – ele respondeu.

_ Você disse a ela errado – eu disse com firmeza.

Jack se virou para L’oana e ordenou:

_ Saia.

_ Estou arrasada – ela fez beicinho.

_ Saia ou morra – ele disse com firmeza.

Sibilando algumas vezes para enfatizar, L’oana fez sua partida.

Eu não pude evitar a tristeza que me dominou. No pouco tempo que passei com ela, gostei da companhia dela e a considerei uma amiga. Eu estava carente por companhia.

Conhecê-la apenas acentuou o fato. Descobrir que ela era uma loba em pele de cordeiro foi praticamente devastador.

_ Tente não deixar isso incomodar você. Eu ainda não conheci ninguém que não tenha sido enganado por ela. Até mesmo eu – disse Jack, tentando me consolar.

Não havia sentido em negar meus sentimentos. Era óbvio que ele, de alguma forma, havia tocado minhas emoções. Ao me forçar a liberar a tensão que me consumia, minhas pernas de repente não conseguiam me manter. Quando o busquei por suporte, ele me pegou em seus braços incrivelmente fortes e me levou para a cama. Ele cheirava a almíscar e especiarias; cravo e canela entre elas. O aroma causou uma sensação inebriante que eu achei extremamente intoxicante e prazerosa.

_ Todos os vampiros são tão atraentes quanto você? – Eu gaguejei.

Sua risada erótica teria sido suficiente para me dizer tudo o que eu precisava saber, mas ele deu um passo adiante. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, seus lábios estavam nos meus. De início, o beijo foi suave, lento e doce. Fui eu quem mudou o rumo para algo mais tórrido e frenético. Não tenho ideia do que deu em mim. Tudo que eu sabia era que queria consumi-lo. Eu queria entrar e me tornar parte dele.

Eu havia beijado apenas um homem de uma maneira que poderia ser considerada apaixonada; meu noivo Mark.

Nós nos beijávamos com frequência, mas de forma alguma eu estava preparada para um beijo desse calibre. O êxtase avassalador ameaçou me consumir. Eu queria mais. Eu tinha que ter mais.

Eu agarrei o cinto da minha túnica e joguei fora. A mão firme dele deslizou por baixo para segurar meu pequeno seio. Meu corpo tremeu quando seu polegar brincou com meu mamilo. Um gemido saiu do fundo da minha garganta. Soava estranho, mas eu sabia que era eu fazendo isso. Eu precisava dele dentro de mim com uma urgência que nunca tinha experimentado antes. Em circunstâncias normais, eu teria ficado incrivelmente constrangida com o fato de que meu corpo era quase pele e ossos com seios que mal me distinguiam como mulher, mas de alguma forma isso simplesmente não importava.

O único outro homem com quem demonstrei tanta confiança foi Mark. Nós tínhamos dado uns amassos, mas não tínhamos ido até o fim. Nós decidimos guardar o ato real de consumação para nossa lua de mel. Parecia tão romântico esperar. Agora, todos os pensamentos de Mark, nosso noivado e minha virgindade desapareceram quando eu me concentrei em uma coisa e uma coisa só. Eu queria que Jack me tomasse por completo. Eu queria de uma forma que nunca seria capaz de descrever.

_ Chega – ele disse quando se afastou e pegou meu cinto.

Sentei-me ofegante, desapontada e espantada enquanto observava suas coxas fortes o levarem para o lado oposto da caverna. Suas nádegas firmes pressionavam contra a calça de couro enquanto ele se inclinava para cuidar do fogo.

_ Eu não entendo... – eu consegui dizer.

_ Você sabe quem você é? – Perguntou ele.

_ Claro que sim – respondi. – Sou Jessica Turry.

_ Quem você realmente é... Você sabe quem você realmente é? – Ele insistiu.

_ Eu realmente sou Jessica Turry – eu disse com firmeza.

Ele não disse nada.

Depois de um longo e desconfortável silêncio, acrescentei:

_ Eu não sou uma vampira.

_ Não – ele balançou a cabeça – isso é algo que você não é.

Eu tremi com uma mistura de desconforto e prazer quando seus olhos penetraram profundamente meu ser. Balancei a cabeça para clareá-la. A culpa substituiu o prazer quando a imagem de Mark surgiu em minha mente. O que estava errado comigo? Eu me comportei como uma mulher devassa com esse estranho que obviamente não me queria. Não, não apenas um estranho; um vampiro que poderia me matar a qualquer momento.

Minha mente vasculhou meu banco de memória por tudo que eu tinha visto em filmes, lido em livros e ouvido em conversas sobre vampiros. Ele tinha me colocado sob seu feitiço ou algo assim? Se me lembro corretamente, eles eram capazes de hipnotizar suas vítimas com os olhos. Foi o que aconteceu? Não, não poderia ter sido. Se ele tivesse me hipnotizado para agir como vadia, então ele não teria me parado como ele fez.

Que embaraçoso. Eu estava mortificada. Não podia mais olhar para ele. Não poderia mais estar perto dele. Eu queria encontrar um buraco para rastejar ou um canto para me esconder ou algo assim. Maldito seja ele por me colocar em uma caverna redonda sem lugar para se esconder e o dobro de maldição por ficar em pé na frente da única saída! Minha mente acelerou. O que L'ohana usou para disfarçar seu paradeiro? Eu não conseguia ver nada que funcionasse. Então me lembrei de que ela apareceu de um globo de luz. Ela não tinha se escondido atrás de nada. Droga! Era frustrante ser uma mera humana entre seres místicos e mágicos.

– Chegará a hora em que você saberá quem realmente é. Quando chegar a hora, vamos ver se devemos continuar com isso... e mais – ele disse quando começou a sair. – Eu sou seu guardião. Acostume-se com isso – ele disse por cima do ombro sem olhar para trás.

Eu me joguei de bruços no colchão e o soquei até liberar a frustração e humilhação o suficiente para permitir

que meu corpo relaxasse e dormisse. Não demorou muito para que o sonho começasse.

Eu estava usando o vestido de casamento dos meus sonhos. Era de cor creme; saia cheia de chiffon com ombros cobertos de seda, e o mais intrincado bordado no corpete que se poderia imaginar. James parecia incrivelmente bonito e distinto em um smoking escuro e gravata de seda prateada ao me levar orgulhoso para Mark, que aguardava no mesmo smoking escuro e gravata prateada. Mark parecia sexy, calmo e elegante como um modelo da revista GQ. Meu coração se encheu de amor, orgulho e alegria ao ver os dois homens mais importantes do mundo para mim, estarem tão bonitos e felizes.

Desacostumada com o salto agulha de sete centímetros e meio, que eu estupidamente prendi a meus pés que preferiam tênis, eu tropecei. James foi rápido em me pegar e me endireitar. Esperei tanto tempo por este momento que mal pude acreditar que finalmente estava acontecendo. Teria sido perfeito, exceto por uma coisa... meus pais. Eu teria dado qualquer coisa no mundo para que eles estivessem ali comigo neste dia maravilhoso da minha vida. Lágrimas brotaram quando James finalmente me depositou ao lado de Mark e o pastor começou a cerimônia. Minha máscara de cílios misturou-se com o fluido salgado dos meus olhos e eu mal podia enxergar. Eu confiei em meus ouvidos para me manter a par do progresso da cerimônia.

Mark fez seus votos e o pastor se virou para mim. Era a minha vez de prometer ser dele e só dele até que a morte nos separasse. Assim como eu disse "eu prometo" meus olhos clarearam o suficiente para eu ver o homem em pé se preparando para selar nossos votos com um beijo. Mark desaparecera. Os lábios quentes de Jack consumiram os meus em um beijo que formigou até os dedos dos meus pés.

Eu sentei sobressaltada. Que pesadelo! Umidade formava gotas em minha testa e escorria pela parte de trás do meu pescoço. Eu estava suando, mas gelada até os ossos. Falei comigo mesma no vazio da caverna, assegurando-me de que estava noiva de Mark e encontraria uma maneira de chegar em casa para que pudéssemos nos casar. Ouvir as palavras em voz alta trouxe uma sensação de conforto e eu puxei a manta até meu queixo e fechei os olhos. Tentando voltar a dormir, rezei para que fosse sem sonhos.

Parecia se que havia passado apenas minutos quando me sentei na cama, sentindo-me descansada e revigorada. Jack estava cuidando do fogo e mexendo a panela do ensopado do qual eu não me cansava. Depois de comer a mesma coisa por tanto tempo, era um milagre que eu conseguisse olhar para ele, quanto mais salivar como eu estava.

_ Eu não ia dizer que eu era seu guardião – disse Jack sem se virar.

_ Eu não sou quem você pensa que sou – eu murmurei – Quem quer que seja.

Jack levantou-se e esticou as costas como um gato. Mais uma vez, eu me perguntei onde ele ficava desde que eu tinha tomado posse de sua caverna.

_ Suas costas estão incomodando você? – Eu perguntei suavemente.

_ Está tensa, só isso – ele respondeu, com naturalidade.

_ Eu estou com sua cama, não é? – Eu perguntei humildemente.

_ Está sim – disse ele com um sorriso.

_ Vampiros dormem e ficam doloridos – eu pensei em voz alta.

_ Eu preciso ler alguns dos livros que você leu – ele riu.

_ Você possui uma camisa? – Eu provoquei.

Jack acariciou seu peito ao perguntar em um tom zombeteiro:

_ Você não gosta?

Meu coração pulou uma batida quando ele mostrou seus dentes brancos e perfeitamente retos em um sorriso genuíno. Merda, ele era bonito e, mais ainda. Muitos sorrisos assim e ser fiel a Mark seria completamente impossível.

De repente, lembrei-me do meu comportamento na noite anterior e corei. Eu limpei minha garganta por falta de algo para dizer para aliviar minha humilhação. Jack pareceu não notar minha condição enquanto continuava a mexer o ensopado.

_ Cheira bem gostoso. Eu diria que está pronto. Está com fome? – Ele murmurou.

_ Faminta – eu disse me apressando a me juntar a ele perto do fogo.

Peguei minha tigela na tábua rústica que estava montada na parede de pedra com pregos e servia como cozinha. Quando estendi minha mão para o pote de ensopado, meu braço roçou o dele. Os pelos da minha pele se eriçaram como se estivessem eletrificados. Eu nunca tinha experimentado algo dessa natureza antes. Isso tanto me encantou como me confundiu. Eu pulei para trás involuntariamente.

_ Eu não vou machucar você – ele me assegurou.

_ Você me confunde – gaguejei. – Por que você me salvou? Por que você não me matou?

_ Não acredite em tudo que você lê e ouve sobre vampiros. Nós não somos assassinos correndo soltos. Matar não é da minha natureza – ele disse seco. Depois de um curto silêncio, ele continuou – Eu disse por que você está aqui.

Seus olhos se fixaram nos meus como se quisesse enfatizar sua última declaração. Senti meu corpo sendo atraído para ele como um prego para um ímã. O que havia nele que eu achava tão difícil de resistir?

_ Estou noiva para me casar – gaguejei.

_ Parabéns – ele respondeu gentilmente depois segurou meu queixo por um momento antes de baixar a mão

e sair da caverna. – Deixaremos este lugar amanhã. Descanse enquanto pode – ele disse por cima do ombro antes de desaparecer.

Passei o resto do dia descansando e repassando em minha cabeça como eu fui capturada pelos Dragos, pra começar. Não fazia sentido.

Não havia nada nos noticiários ou boatos que indicassem que eles estavam invadindo minha área. Se tivesse ocorrido, precauções teriam sido tomadas como vinte e dois anos antes, quando as pessoas estavam desaparecendo sem deixar vestígios.

Foi também quando meus pais morreram em um acidente de carro. Eu era muito nova na época e não conseguia me lembrar, mas as pessoas me disseram que foi imposto um toque de recolher por algum tempo. Só nos permitíamos sair de nossas casas entre as onze horas da manhã e as quatro horas da tarde. Durante esse tempo, as ruas estavam cheias de militares impondo a lei marcial e protegendo nosso perímetro. Isso impediu que as pessoas viajassem para o funeral de meus pais. Na verdade, mais de uma vez ao longo dos anos, eu questionei se havíamos feito um funeral para eles porque, por mais que eu tentasse, não conseguia me lembrar de um. Confiei na minha memória para me lembrar deles porque não havia fotos para manter a imagem viva. Além de minhas lembranças vagas, a única evidência de que meus pais existiram era um túmulo para eu adornar com flores.

Eu tinha ido ver um filme com Mark e depois saímos para tomar algumas bebidas. Ele dirigiu. Ele também tinha bebido muito, na minha opinião, para ser considerado sóbrio o suficiente para dirigir para casa. Claro, ele discordou. Quando me recusei a entrar no carro com ele como motorista, ele pulou atrás do volante e saiu em disparada; deixando-me a voltar sozinha para casa. Como morava somente a alguns quilômetros de distância do bar, apenas comecei a caminhar.

Havia um trecho de estrada bastante rural e solitário; especialmente à uma da manhã. Para adicionar ao ambiente, a lua mal estava visível, e uma névoa se instalou. Foi enquanto eu percorria esse trecho da estrada e contemplava como era espantosamente espessa a neblina que me senti sendo agarrada, arrastada e amarrada como uma besta selvagem.

Fui jogada em algum tipo de nave – que pairava silenciosamente a poucos metros do solo – e aterrissei em cima de um monte de outros desafortunados que estavam amarrados exatamente como eu. Lembro-me de mal conseguir respirar enquanto eles continuavam a nos empilhar como panquecas, com pouca ou nenhuma consideração pelo nosso bem-estar. Quando parecia que a nave estava cheia demais para continuar pairando acima do solo, vários homens-lagarto entraram e a porta se fechou.

O fedor era quase insuportável. Teria sido ruim o suficiente ter que suportar o fedor dos Dragos naqueles alojamentos apertados, mas havia também o cheiro de fezes e

urina de humanos assustados, assim como transpiração e halitose, para enfrentar. Eu não sei quando tudo se tornou tão intenso que meu corpo se desligou, mas aconteceu. Quando acordei, eu estava nua e amarrada de cabeça para baixo em algum sistema de transporte esperando a minha vez de me tornar o jantar deles. Eu sempre tive vergonha do meu corpo magro. Esta foi a primeira vez que fiquei grata por isso! Eu nunca mais ansiaria por curvas voluptuosas novamente.

Quando a noite chegou, fiquei surpresa com a rapidez e a profundidade com que caí no sono. Eu havia me acostumado com a pequena caverna e seu mínimo conforto. Até a cama parecia ter se adequado ao meu corpo, como se estivesse afirmando isso.

Eu me perguntava para onde iríamos. Jack disse que estávamos de partida. Partindo para onde? Ele ainda não havia me dito onde estávamos e eu não tinha ideia. Originalmente pensei que estava em alguma região selvagem, não muito longe da minha casa no norte de Nova Iorque, talvez Canadá, mas então L'oana apareceu com essa história sobre Kurr e eu fiquei totalmente confusa.

Eu fiz questão de deixar minha humilhação de lado e questionar Jack, que chegou completamente vestido com camisa, calça e sapatos, sobre onde estávamos e para onde estávamos indo assim que ele entrou na caverna na manhã seguinte. Ele aceitou meu questionamento abrupto com calma e estava mais do que disposto a me fornecer respostas.

Para meu choque e desânimo, não estávamos no Estado de Nova Iorque. Nem estávamos em qualquer lugar perto do Canadá. L'oaana falara a verdade. Eu havia sido teletransportada para um planeta distante chamado Kurr por lagartos humanoides chamado Dragos, que haviam descoberto que os humanos eram sua comida favorita. Eu teria negado a verdade, se não tivesse me lembrado de que a razão pela qual eu vivia era porque eu era “inadequada para qualquer mesa de Dragos”.

Meu coração se despedaçou.

Eu o questionei sobre para onde ele planejava me levar e fiquei aliviada quando ele prontamente me informou que era sua intenção me devolver à Terra. Ele me esclareceu sobre as formas de manipular o tempo, algo sobre o qual eu tinha muito pouco conhecimento. De acordo com Jack, Mark nem sabia que eu tinha sido levada porque na Terra apenas uma questão de minutos havia se passado. Eu não conseguia imaginar como semanas em Kurr seriam iguais a só alguns minutos na Terra, mas quem era eu para questionar? Em vez disso, acenei com a cabeça minha aceitação do fato e permiti que ele continuasse falando.

_ Mantive distância de você por um motivo... e não é pelo que você pensa – disse Jack enquanto se movia pela caverna coletando algumas coisas e colocando-as em um saco que tinha pendurado no ombro. – Eu sou um vampiro, é verdade, mas eu bebo o sangue de animais, não de humanos.

_ Você nunca bebeu sangue humano? – Eu perguntei surpresa.

_ Eu não disse isso. Eu disse que bebo sangue animal. Não sou um matador de animais também. Eu pego apenas o que eu preciso para viver, nada mais. Se o animal é grande o suficiente, o que eu tomo não tem mais efeito sobre ele do que um ser humano doando sangue para um banco de sangue. Quanto aos humanos... houve uma ocasião ou duas em que eu fui colocado em uma posição que exigia que eu partilhasse de seu sangue, mas foram esparsas e poucas. Na verdade, não só não gosto do sabor do sangue humano, mas da ideia disso.

_ Bem, agora estou confusa – interrompi. – Por que um vampiro seria repelido pelo sangue humano? Eu pensei que você fosse destinado a bebê-lo.

_ Muitas pessoas pensam isso, mas não é verdade. Nós não somos naturalmente feitos para beber sangue humano. Nós temos DNA humano em nós afinal. É um ato que está muito perto do canibalismo. São apenas os pervertidos ou os desesperados que fazem isso.

_ Uau, isso é uma nova reviravolta no vampirismo que eu não esperava – eu disse.

_ Não é? – Ele disse sorrindo aquele sorriso sedutor. – Eu acho que a verdade não é grande o suficiente para vender filmes, romances e histórias assustadoras na fogueira.

_ Eu acho que não – respondi.

Eu observei Jack continuar a selecionar itens para colocar em seu saco e, em então perguntei:

_ Você nasceu vampiro?

_ Não. Bebês vampiros existem, mas é raro nascer vampiro. A maioria é produzida – respondeu ele. – É uma afecção que te consome depois de ser mordido por outro vampiro. Nós olhamos para o vampirismo como um tipo de doença.

_ Eu não fazia ideia – eu murmurei.

_ Muito poucos fazem – respondeu Jack. – Eu fui mordido quando era muito jovem.

_ Então você continuou a crescer. Você não tem a mesma idade que você tinha quando se tornou um vampiro – eu disse animadamente.

_ Você quer dizer como Kirsten Dunst em *Entrevista com o Vampiro*? – Ele riu. – Receio que não. Eu tenho crescido e envelhecido. Embora, eu admita que o processo de envelhecimento seja incrivelmente lento e minha força é o triplo da de um humano – Ele deu de ombros. – Portanto, há algumas vantagens para o vampirismo.

_ Quantos anos você tem? – Deixei escapar.

_ Quantos anos você tem? – Ele gargalhou.

_ Eu tenho vinte e quatro – respondi sem hesitação.

_ Eu sei – disse ele serenamente. – Você não se lembra de mim, não é?

Eu olhei para ele, intrigada. Parecia certo e natural estar na companhia dele, mas atribuí isso ao fato de que estivemos juntos por quase dois meses.

_ Nós nos conhecemos antes? – Perguntei hesitante.

_ Você se sentou no meu joelho quando era apenas um bebê. Eu estava visitando sua casa. Foi um pouco antes de seus pais... morrerem – ele disse tristemente.

_ Você conhecia meus pais? – Eu disse esperançosa. – Como? Como você os conheceu? Você era um vampiro quando os conheceu?

Ele parou de coletar os itens e ficou olhando para mim. Seu lindo rosto parecia tão triste. Eu queria acariciá-lo e dizer a ele que tudo ficaria bem. Quando ele se aproximou e se sentou ao meu lado na cama, eu não pude resistir a colocar minha mão em seu rosto forte.

Mais uma vez, fiquei maravilhada com o quão quente ao toque ele era.

Mais uma vez, lembrei-me das histórias de vampiros serem gelados.

Ele tirou minha mão de seu rosto e segurou-a respirando fundo.

_ O que eu estou prestes a dizer pode ser difícil para você acreditar ou mesmo entender, mas é verdade. Uma coisa que eu quero garantir é que você sempre ouvira a verdade de mim, não importa se você quiser ou não ouvir.

Eu anuí com a cabeça, mas não disse nada. Desde aquela noite que eu discuti com Mark e fiz algo tão inocente

como ir para casa, em vez de colocar minha vida nas mãos de um bêbado, eu acabei descobrindo que havia alienígenas que pareciam lagartos teletransportando pessoas para um planeta alienígena como comida, vampiros que eram repelidos pelo sangue humano, e criaturas que mudavam de humanoide para reptiliano. Tudo parecia surreal. O que era mais uma pequena informação para adicionar ao conto de fadas?

Depois de um momento de hesitação, ele continuou:

_ As pessoas que você conhecia como seus pais eram pessoas maravilhosas. Eles eram amorosos, bondosos e generosos quase em excesso. Eu conheci sua mãe, Sara, a minha vida toda. Nós éramos irmãos.

_ Mas você é um vampiro! –Gritei.

_ Assim como ela – respondeu ele.

Um arquejo alto escapou dos meus lábios. Eu optei por ignorar o comentário de que minha mãe era uma vampira quando gaguejei:

_ Você é meu tio? Mas você.... nós... nós... você sabe!

Ele levantou a mão para me impedir de dizer mais alguma coisa.

_ Espere – ele disse pacientemente. – Deixe-me terminar antes que você diga mais alguma coisa, por favor. Você pode fazer isso?

Eu concordei com a cabeça e me movi para colocar um pouco mais de distância entre mim e ele no colchão. Eu estava mortificada com o que ocorreu entre nós na noite

anterior. Não era de se admirar que ele tivesse aparado. O fato de que eu ainda estava excitada por sua presença me encheu de vergonha.

_ Eu não sou seu tio – ele continuou.

Minha cabeça se ergueu rapidamente e fiquei imediatamente em alerta. Se ele era irmão da minha mãe, então por que ele não era meu tio? Eu podia estar confusa, mas também fiquei dominada pelo alívio. Eu não havia quase cometido incesto afinal.

_ Eu não sou seu tio porque Sara não é sua verdadeira mãe – explicou ele. – Lembre-se, eu lhe disse que é raro um vampiro ter um filho e, se isso acontecesse, o filho seria um vampiro. Você não é uma vampira.

Ele falou rapidamente, como se antecipando a reação que viria a seguir.

_ Que diabos? Você está drogado? – Eu exigi. – Claro que ela era minha mãe. Eu me pareço com ela. Todo mundo diz isso.

_ Você tinha a mesma cor que ela e você era pequena – respondeu ele.

Ele moveu seu corpo para me encarar mais diretamente e pegou meu rosto entre as mãos. Eu não tive escolha senão olhar para ele. Seus olhos estavam cheios de uma mistura de preocupação, tristeza, simpatia e algo mais... paixão?

_ Por favor, me escute com muito cuidado. A maneira como você entender e aceitar o que estou prestes a lhe dizer

fará toda a diferença sobre se conseguiremos retornar à Terra em segurança... ou mesmo nem retornar – disse ele com firmeza silenciosa.

Eu podia sentir seu corpo relaxar enquanto minha expressão mudava de descrença rebelde para a de uma ouvinte interessada e ansiosa. Se o que ele tinha a dizer significava que eu poderia estar em casa de novo, então ele tinha minha atenção no que quer que fosse; mesmo que isso significasse que ele me dissesse que eu era uma criatura alienígena.

_ Nasci no ano de mil cento e três. Eu era o filho mais novo de uma família de seis filhos. Meus pais não eram ricos, mas conseguimos aproveitar a vida e viver com conforto. Eu tinha dez anos quando meus pais levaram todos nós em uma viagem de caça ao longo da fronteira canadense.

"Estava fora de temporada, mas, mesmo que não estivesse, era um lugar tão selvagem e isolado que eu poderia imaginar que teria sido difícil encontrar outro caçador a menos que tivéssemos procurado por ele. Nós éramos os únicos humanos por milhas ao longo daquele fim de semana fatídico.

“Meus pais fizeram uma cabana com folhagens, galhos e alguns tecidos grossos que levamos conosco. A cabana dava para um enorme lago. Meu pai levou meus dois irmãos mais velhos, Walter e Samuel, rio abaixo para pescar à noite. Não tenho ideia do que eles estavam tentando pegar. Eu era muito jovem para saber a diferença e, francamente, isso não

importa. O que importa é que, como estavam distantes de nossa cabana, foram poupados do horror do que aconteceu na ausência deles.

“Um pequeno grupo de vampiros tropeçou em nós enquanto procuravam por comida. Eles não eram o tipo bom de vampiros. Eles haviam sido contaminados pelo mal. Nós os chamamos de vampiros sombrios. Eles mataram todos, menos Sara e eu.

“Eu adorava nadar e explorar debaixo d’água. Eu tinha treinado para prender a respiração por um período de tempo incrivelmente longo, para eu não precisar retornar à superfície com frequência. Eu usei essa habilidade para acalmar meu corpo e convencê-los de que eu tinha morrido. É como sobrevivi ao ataque.”

_ Prendendo a respiração – eu disse maravilhada.

_ Prendendo a respiração – ele confirmou.

_ Uau - eu disse com admiração – e mamãe... err Sara? Como ela sobreviveu?

_ Na verdade ela não sobreviveu. Ela morreu, mas eu vou chegar a isso em um minuto – ele continuou. – Quando meu pai voltou, ele pegou meus dois irmãos e partiu para caçar nossos assassinos e matá-los. Eu suspeito que pelos ferimentos em nossos pescoços ele soube que eles eram vampiros, mas eu não podia ter certeza já que nossos caminhos nunca se cruzaram desde então. Eu suponho que os vampiros os mataram.

“Eu permaneci deitado entre a minha família morta por algum tempo me perguntando por que meu pai não tinha se importado com nossos corpos antes de partir para sua caçada aos vampiros. Claro, agora que sou mais velho, entendo que a urgência em alcançá-los era grande demais para perder tempo, mas naquela época eu não entendia. Eu decidi enterrá-los eu mesmo. Quando cheguei a Sara, pude ver que ela ainda estava viva; embora mal. O vírus vampiro já havia se apossado do meu corpo e eu instintivamente sabia o que fazer para preservá-la. Eu cortei meu pulso e a forcei a tomar um pouco do meu sangue e então eu estalei o pescoço dela.

_ Você a matou? – Eu ofeguei.

_ Eu achei que você diria isso. Veja, se você está tão perto da morte como Sara estava, a única maneira de evitar isso seria morrer com a infecção em seu corpo e um pouco de sangue ainda intacto. Meu assassino foi desleixado e de alguma forma conseguiu se cortar ou algo assim e seu sangue entrou na minha ferida. Esse não foi o caso de Sara. Ela simplesmente serviu de alimento. No ritmo que o sangue estava escorrendo de suas feridas, ela estaria morta em minutos sem chance de viver, mesmo que fosse como uma vampira. Fiz a escolha de preservá-la e nunca me arrependi... nem ela.

“Esperamos por uma semana que o meu pai voltasse antes de pedir ajuda à nossa tia Alice, a irmã da minha mãe. Alice era uma alma gentil, muito parecida com minha mãe, e

nos acolheu. Não sei exatamente como ela explicou as mortes e o desaparecimento de minha família, mas de alguma forma conseguiu. Sua casa ficava em uma parte isolada do estado do Maine. Semelhante à forma como a fazenda de sua tia é isolada, mas ainda mais, e ela era uma filha da natureza. Seu conhecimento sobre ervas e seus usos para remédios e feitiços superavam em muito o de uma pessoa comum. Ela também tinha conhecimento do oculto, que incluía vampirismo. Foi com a ajuda da tia Alice que aprendemos a lidar com a afecção dos vampiros e não permitirmos que isso interferisse muito em nossas vidas. Nós mantivemos isso em segredo, é claro, o que não foi tão fácil. Em mais de uma ocasião, alguém era capaz de ver as diferenças em nós, mas quando descobriam quem era a nossa tia, eles atribuíram isso aos seus modos estranhos e bruxos. Ser capaz de ir até ela por ajuda foi um verdadeiro golpe de sorte.”

_ Sim, mas ainda não explica porque você diz que eu não sou quem eu acho que sou – eu disse impaciente.

Ele olhou para mim surpreso e disse:

_ Vejo que eu divaguei... minhas desculpas.

_ Não... não, não é nada disso. Quero dizer... quero saber mais sobre você e err... Sara. Eu quero. Sua história é fascinante. É só... acho que estou um pouco impaciente para descobrir... – gaguejei.

_ Por que eu digo que você não é minha sobrinha? – Ele interpôs.

_ Bem, sim.

_ Estou chegando lá – disse ele, antes de encher os pulmões de ar. – Quando minha irmã conheceu o homem que você conhecia como seu pai, foi amor à primeira vista para ambos. Ele tentou lutar contra seus sentimentos por ela e ela por ele. Ela era uma vampira afinal. Por mais que tentassem, não podiam escapar do amor que tinham um pelo outro. Quando ela não aguentou mais e confidenciou seu segredo para ele, ele decidiu dar uma chance e confiar-lhe seu mais precioso segredo. Ele não era da Terra. Era do planeta Kurr; este mesmo planeta que agora estamos escondidos em uma caverna.

_ Você está dizendo que sou parte alienígena? – Eu lamentei.

_ Não, estou dizendo que você é totalmente alienígena. Você nasceu aqui em Kurr. Mais que isso, você é de sangue real. O homem que você conhecia como seu pai era na verdade um capitão da guarda de seus verdadeiros pais. Ele foi enviado para a Terra com você a tiracolo. Você não era nada mais do que um bebê de colo. Você viveu tranquilamente por algum tempo, mas eventualmente seu paradeiro foi descoberto por um bando de soldados enviados para procurar você. Quando ficou claro que ele seria incapaz de proteger você, ele me pediu para assumir. Não muito tempo depois que aceitei a responsabilidade de seu bem-estar, ele foi morto em uma batalha acalorada. Ele morreu,

mas não antes de acabar com o bando de soldados e você estava mais uma vez a salvo.

_ O que, eu sou como uma princesa ou algo assim? – Eu praticamente gritei. Isso era absurdo demais para sequer ser levado a sério.

_ Você é de fato uma princesa. Você é a próxima na fila do trono de Kurr, e é por isso que sua segurança é tão vital.

_ Isso é ridículo – eu disse quando me levantei.

Eu precisava pegar um pouco de ar e clarear a minha mente. As coisas estavam ficando muito estranhas.

Ele agarrou meu pulso.

_ Eu não terminei. Sente-se – ele disse em um tom que era muito mais autoritário do que o que ele havia mostrado desde que nossa conversa começou.

Ficou claro que eu estava esgotando sua paciência. Bem, suas histórias malucas estavam esgotando a minha, então bem... bem... bem. Talvez ele pensasse duas vezes antes de inventar essas fantasias malucas novamente.

_ Assim como a passagem do tempo é diferente entre a Terra e Kurr, o mesmo acontece com o processo de crescimento. O seu foi atrasado pela atmosfera terrestre. Você tem vinte e quatro anos, mas tem o corpo de uma garota de quatorze. – Com minha explosão de ultraje e indignação diante do comentário, ele acenou com a mão e continuou – Se você ficar em Kurr por muito mais tempo, seu corpo vai alcançar sua idade. Não podemos deixar que isso aconteça se quisermos retornar à Terra como se nada

tivesse acontecido. Seria um pouco difícil de explicar; você não acha?

_ Mark me aceitaria, não importa minha aparência – disse corajosamente.

_ E o resto da sociedade? – Ele perguntou.

Dei de ombros.

_ Eu tenho monitorado você de longe desde que você era um bebê – disse ele. – É verdade, você foi uma missão a princípio, mas depois de ver você crescer e se tornar a linda criatura que é hoje, você deixou de ser uma tarefa e se tornou um prazer. Cuidar de você traz alegria à minha vida.

_ Eu não entendo como você cuidou de mim. Eu nunca vi você... Nunca – eu disse.

_ A mulher que você chama de tia Jenny era a melhor amiga de Sara. Quando Sara não pôde mais cuidar de você, Jenny assumiu de bom grado a responsabilidade de lhe criar; mas sempre comigo em segundo plano vigiando. Ela sabe quem você é e o que você deverá fazer. Ela sabe e entende. Quando voltarmos para a Terra, vamos visitá-la e ela pode lhe dizer por si mesma – ele disse calmamente.

O pânico cresceu dentro de mim. Poderia a história de Jack ser verdadeira? Eu era realmente uma princesa alienígena?

Eu decidi mudar de assunto.

_ Conte-me sobre o que aconteceu com você quando se tornou um vampiro.

_ Eu peguei algumas das características genéticas do vampiro que me produziu. Eu absorvi o DNA dele – ele disse com naturalidade.

Eu olhei para ele com atenção. Ele realmente parecia humano. Se eu não tivesse visto suas presas por mim mesma, nunca teria imaginado que ele fosse um vampiro. Era confuso; especialmente porque ele também ficava indo e vindo em plena luz do dia e era quente e macio. Nada se encaixava aos monstros das lendas.

Algo dentro de mim me disse que Jack estava dizendo a verdade sobre tudo, inclusive eu ser alienígena. Levaria algum tempo para absorver isso.

Por alguma razão louca, meus pensamentos viajaram de mim sendo uma alienígena para mim beijando Jack. Talvez fosse porque estávamos tão próximos um do outro que me lembrei do nosso beijo. Ainda me fazia cambalear. Como podia ser assim quando eu amava e estava para casar com outro homem?

Na verdade, Mark nunca disse que realmente me amava e eu nunca disse que o amava. Apenas deduzimos que nos amávamos. Quando decidimos nos casar, foi durante uma conversa sobre como éramos unidos como amigos e fazia sentido atar o nó. Afinal, se a amizade está na base de um relacionamento, ele tem uma chance muito maior de durar. Nós ouvimos em um programa de televisão. Talvez o Dr. Phil, mas eu não tinha certeza.

Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, eu estava envolta nos braços fortes de Jack, com seus lábios consumindo os meus. Como isso aconteceu? Eu tinha iniciado ou ele tinha? Senti como se estivesse sonhando e pudesse acordar a qualquer momento. Era um conto maluco que definitivamente era mais adequado para um sonho do que para a vida real. De certa forma, eu preferia muito mais o conto.

Logo parei de me preocupar com quem iniciou o que e mergulhei em seu beijo com uma paixão que se igualava à dele. Havia algo nele que despertava um lado meu que era estranho, mas excitante. Quando finalmente conseguimos nos separar, sentei-me sem fôlego e esperei que eu acordasse. Depois de alguns segundos, ficou claro que aquilo estava mesmo acontecendo.

Também ficou claro que ele estava tão afetado por nosso beijo quanto eu. O silêncio entre nós era inquietante. Nenhum de nós sabia o que dizer.

_ Você está vestindo uma camisa. – Eu finalmente disse.

